

MELLO, Mário Vieira de. *Desenvolvimento e Cultura*. 3. ed., Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 209. 328 p.

A terceira edição de *Desenvolvimento e Cultura* recoloca no cenário cultural brasileiro o belo livro de Mário Vieira de Mello (1912-2006). Com ele o autor pretende estudar a cultura brasileira atribuindo seus problemas centrais à ausência de discussão ética, situação provocada pelo esteticismo romântico. Para Viera de Mello, esta hipótese não foi adequadamente considerada até o momento.

O livro fornece uma panorâmica da cultura brasileira em oito capítulos. Há questões sociológicas, literárias, políticas, além das filosóficas. As últimas formam uma espécie de base que o autor usa para fundamentar a tese central da obra, a saber: a incompatibilidade entre o esteticismo vindo da Renascença italiana via romantismo francês e os valores morais instaurados no mundo moderno pela Reforma protestante.

O autor principia o livro examinando as ideias desenvolvimentistas. Entende que elas deixaram de tratar o país a partir de uma ótica interna e histórica para compará-lo com outros. A nova ótica provocou “uma mudança de ênfase, uma insistência no aspecto do atraso e não uma consideração do aspecto país novo” (p. 31). Com isto, os desenvolvimentistas esperam contornar os problemas de nossa tradição, atribuindo o atraso do país à exploração dos povos mais ricos. Neste modelo interpretativo, o desenvolvimento nacional depende da superação das amarras impostas pelos exploradores. Vieira de Mello observa que esta interpretação desenvolvimentista popularizou-se tanto que não adotá-la soa como ignorância ou bizarrice. O desenvolvimentismo considera que o povo brasileiro viveu até hoje numa espécie de torpor irresponsável que o impediu de perceber a exploração a que está submetido. Este fato começa a se modificar pela atuação da elite desenvolvimentista que aponta as causas verdadeiras do atraso brasileiro. Esta análise, avalia o autor, ao contrário do que pensam seus intérpretes famosos, explica o desenvolvimento nacional a partir de “ensinamentos colhidos no estrangeiro” (p. 43). Seus representantes tratam outras formas de entender os problemas nacionais como: teóricas, abstratas, acadêmicas e obsoletas. Para o fortalecimento das ideias desenvolvimentistas contribuíram romances regionais como os de Gilberto Freyre ou a noção de homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda.

No segundo capítulo examina o conceito de desenvolvimentismo. Ele pretende ir além de apontar a origem estrangeira e inconsciente do modelo desenvolvimentista. Para começar, afirma que as grandes guerras mundiais potencializaram a crise presente na cultura europeia no último século e promoveram a ascensão dos Estados Unidos da América ao papel de líder político e econômico mundial. Entende que este novo líder está ainda hoje “empenhado na assimilação das ideias de origem europeia e não dispõe do impulso espiritual necessário para exercer impacto totalizador na cultura brasileira” (p. 52). De que teoria estrangeira aproxima-se o desenvolvimentismo? Segundo Vieira de Mello, apesar das diferenças, as ideias desenvolvimentistas aproximam-se do marxismo. De que proximidade se trata? O desenvolvimentismo adaptou a ideia de luta de classes concebida no marxismo e que não é observada na realidade brasileira, para explicar uma disputa velada entre as nações. A disputa situa no plano internacional a luta de classes mencionada por Karl Marx dividindo os países em proletários e ricos. O que aproxima a noção de exploração internacional da ideia de luta de classes é a raiz comum de ambas. Para o autor, Hegel e Marx desenvolverem suas análises a partir da “ideia romântica de que a bondade é um dado natural inerente ao homem e de que todos os males suscetíveis de serem registrados na história resultam de uma alienação, de uma separação dessa essência boa e natural do homem” (p. 60). Assim também pensam os desenvolvimentistas. Os problemas brasileiros, para eles, “se explicam pela ação malévola das nações fortes e abastadas” (p. 68). Isto significa que o desenvolvimentismo se inspirou numa versão do marxismo, conclui.

No capítulo terceiro o autor examina as consequências de a cultura brasileira absorver as ideias desenvolvimentistas. O problema inicial é a contradição entre a busca de um modelo autóctone de desenvolvimento e a sua inspiração marxista. O conceito de autenticidade desejado pelos desenvolvimentistas não se presta ao que eles buscam. Caso tomemos o historicismo marxista ou a sociologia do conhecimento de Mannheim como modelos de explicação de nossa realidade, nenhuma das duas passa pelo critério de autenticidade desejado pelos desenvolvimentistas. Assim, conclui Vieira de Mello que, “a adoção do conceito de autenticidade como critério epistemológico nos levaria imediatamente a uma contradição com a ideia de cultura genuinamente brasileira” (p. 91).

No capítulo seguinte, o autor examinará o ideal desenvolvimentista. Começa observando que, levado à suas consequências, o desenvolvimentismo assumirá “o caráter violento e dramático da problemática marxista” (p. 95). O autor entende que as teorias desenvolvimentistas para o país precisam ser descoladas da ideia de alienação construída no romantismo. O Brasil, mesmo sendo pobre, não é uma nação proletária cujo atraso se explica pelo desenvolvimento alheio. Em outras palavras, o autor contorna a solução terceiro-mundista, considerando o marxismo superado pela evolução do capitalismo. O terceiro-mundismo usado pelos desenvolvimentistas foi criado pelo marxismo soviético que, durante a guerra fria, explicava a pobreza da maioria dos países pela exploração capitalista. Ele propõe, ao contrário da tese desenvolvimentista, olhar as nações ricas como modelos a serem imitados. Vieira de Mello considera duas propostas razoáveis de desenvolvimento: a primeira como fenômeno autônomo nascido do domínio da tecnologia; a outra o trata como resultado “de reflexos psicológicos coletivos” (p. 103). A segunda alternativa é sua preferida.

No quinto capítulo o autor se concentra na vida espiritual da Europa. Investiga as suas contradições e os problemas surgidos na modernidade. Observa que, atualmente, mesmo as nações produtoras de ideias, como Inglaterra, França, Itália e Alemanha, encontram-se confusas com sua vida espiritual. Observa ainda que certas tradições não se formam no espaço restrito do nacionalismo lembrando que há racionalistas que não são franceses, estetas do belo que não são italianos, empiristas que não são ingleses, etc. Na tentativa de explicar a raiz da crise européia apontará a incompatibilidade entre o ideal italiano de beleza do renascimento e a cultura ético-religiosa da reforma protestante. Esta circunstância cultural ganha tratamento filosófico na filosofia de Sören Kierkegaard. O autor afirma que o filósofo reconhece “o conflito entre o princípio ético e o princípio estético” (p. 113). A tensão existente entre o esteticismo vindo da renascença italiana e o ideal de pureza moral articulada no protestantismo ganha tratamento teórico na filosofia de Kierkegaard. Ela também alimenta a literatura européia, especialmente na Rússia. Nesse país o conflito europeu encontrou ressonâncias íntimas em energias presentes na alma nacional. Na raiz da crise européia está a falência de autoridade moral da Igreja Romana comparável à crise de autoridade dos deuses gregos quando da origem da Filosofia. A

autonomia do conceito de belo e a redução da autoridade moral da Igreja ganharam na filosofia e literatura românticas contornos dramáticos. Ele explicou: “Quando no século XIX o espírito estetizante do Renascimento italiano se fez sentir em toda a Europa, através da enorme influência do romantismo, tornou-se de uma evidência inescapável o fato de que a imagem de Deus e a ideia de bem haviam sofrido uma perda extremamente séria e que agora a sua autoridade era ignorada” (p. 161). Esta perspectiva romântica mereceu críticas duras de outro filósofo. Para o alemão Friedrich Nietzsche, o pessimismo estético não assegurava o caráter viril necessário à criação da cultura. A crise cultural é percebida na literatura e na filosofia européias. De onde podemos, nós brasileiros, buscar elementos interpretativos para entender nossa realidade? Ele acredita que é repensando e entendendo a crise européia. Foi com base numa ética firme que o ocidente se firmou. Também lhe parece fundamental rever a questão da verdade que é tão importante hoje como foi nos tempos de Platão. Para fazer as duas tarefas é preciso identificar no romantismo a presença do esteticismo renascentista italiano. Com base nesta análise da crise européia, ele rejeita a noção de autenticidade desenvolvimentista para a qual as ideias européias não servem para nos entendermos porque não as criamos. Elas não nos servem por outro motivo: porque trazem uma crise íntima. A Europa vive uma crise interna de ideias e valores, fato que exige entendimento adequado de sua amplitude e resultados.

No capítulo seguinte, o autor observa que as ideias européias que mais nos influenciaram vieram do romantismo francês do século XIX via Portugal. Afirma taxativamente: “A única tradição cultural que existe no Brasil é a tradição do romantismo francês do século XIX” (p. 198). Assim, desenvolvimentistas e marxistas têm em comum a raiz romântica, o que se comprova pela crença comum da superioridade do natural sobre o social e do espontâneo sobre o normativo. Por outro lado, o fato também explica as mudanças rápidas e sem motivo aparente da nossa elite intelectual que foi positivista, marxista, existencialista e abstracionista. O que nos marcou foi a cultura estética vinda do renascimento italiano via romantismo francês. Portugal nos legou o romantismo francês depois que superou o contra-reformismo. Para o autor o romantismo francês, não necessariamente o de outros países da Europa, foi uma reação ao século das luzes. Ideias como a cordialidade do brasileiro de Sergio Buarque de Holanda e inteligência brasileira

concebida por Cassiano Ricardo inspiram-se naquele romantismo. Elas não rejeitam o egoísmo, vaidade ou orgulho, isto é, não promovem o debate moral. O resultado é que “não só os pecados morais parecem levar uma existência na sombra. As qualidades morais também nos parecem participar deste mundo desencarnado” (p. 233).

No penúltimo capítulo o autor aprofunda o sentido da influência romântica na cultura brasileira. Começa recordando que o materialismo marxista estava, desde o século passado, superado pelo fordismo e pelo espiritualismo de Bérghson. O filósofo francês “provou, baseando-se em fatos experimentais, ser o fenômeno da memória irreduzível aos fenômenos físicos da cerebração humana” (p. 243). A adesão pouco crítica ao esteticismo foi resultado da nossa pobreza intelectual que resulta da expulsão da Companhia de Jesus e do vazio cultural que se seguiu à independência. O positivismo foi o primeiro movimento a criticar as tendências estéticas e literárias do romantismo brasileiro, mas não produziu visão madura do problema devido “ao caráter essencialmente falso das bases éticas em que se apoia” (p. 257). O movimento nacionalista e modernista de 1922 também não superou a mentalidade estética do romantismo, o que nos obriga hoje em dia a retomar a investigação ética. A condição para o sucesso deste empreendimento é superar a visão estética do romantismo.

O último capítulo reafirma a necessidade de superar os dilemas da cultura européia porque só através “do velho continente poderemos adquirir cultura” (p. 295). A busca de uma originalidade autóctone é artificial e foi o caminho comum adotado por marxistas, positivistas, românticos e modernistas. Estes grupos partilham modelos éticos imanente, relativistas e obscuro criado pelo esteticismo romântico. Nossa alternativa para superar o esteticismo romântico é a reflexão ética. A tarefa é dificultada pela ausência de um forte sentimento religioso. Este sentimento foi destruído pelo romantismo do século XIX. O esforço de regeneração ética passa pelo reconhecimento da tensão que há entre ela e a estética romântica. Esta tensão remonta à oposição entre o mundo do Renascimento italiano e o da Reforma protestante de Lutero. Só as ideias éticas promovem a integração entre as dimensões espiritual e corporal do homem. Outro desafio da ética será superar a atitude superficial do hedonismo e utilitarismo que nos vem do mundo anglo-saxão.

O livro de Mario Vieira de Melo aponta uma direção para o estudo da cultura brasileira. Que linha seguir? Começar pelo exame da visão romântica do bom selvagem concebida por Rousseau e depois enfrentar a interpretação terceiro-mundista assumida pelo desenvolvimentismo. Também é importante construir uma visão ampla de cultura, não reduzindo o desafio do progresso ao domínio da técnica, repensando as questões éticas como sugeri no capítulo quarto. No capítulo quinto ele reduz a influência européia no Brasil às ideias românticas do século XIX, não considerando o impacto de outras tradições filosóficas e literárias. Este é um aspecto a contornar. Há outro problema na proposta de Vieira de Mello: a desvalorização da discussão ética presente na renascença portuguesa. Melhor seria entender o século XVI em Portugal como uma forma de tratar os ideais modernos rejeitando a moral protestante em nome da católica. Além disto, o pombalismo (século XVIII) não se explica, como sugere o autor, por uma adesão acrítica à cultura francesa. O movimento parece ser uma revisão do chamado segundo período do contra-reformismo lusitano (século XVII) e do estreitamento do debate ético que ele produziu. O século XVII, em Portugal, caracterizou-se por uma ética centrada no combate à riqueza e ao sexo além da função reprodutiva. A aproximação dos brasileiros do romantismo francês no século XIX foi, ao contrário do que sugere Vieira de Mello, um esforço de nossa elite para se afastar da influência portuguesa e não uma rota sugerida pelos lusitanos. No último capítulo outra dificuldade: o autor não só superestima a destruição da moralidade católica pelo romantismo francês, porque o tradicionalismo romântico preserva este modelo moral, como desconhece o impacto decorrente da escola culturalista. No seio do culturalismo há a superação do estreitamento moral do contra-reformismo e da moral frouxa do romantismo. Contudo, o entendimento de uma crise de valores que marca o pensamento europeu no século XX e nos influencia parece ser um problema que não pode ser desconsiderado e precisa ser mesmo considerado ao se tratar das dificuldades de nosso país.

Prof. Dr. José Mauricio de Carvalho (UFSJ – São João del-Rei – MG)
mauricio@ufs.edu.br

Data de registro: 12/05/2010

Data de aceite: 10/08/2010

Revista *Estudos Filosóficos* nº 5 /2010 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967

<http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>

DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG

Pág. 187 – 192